

# Suplemento Cultural

## POESIAS

### CALOR DO AMOR

Aquece-me o calor que a vida emana  
Pela luz dos teus olhos só-ternura...  
Teu calor faz-me a vida mais humana,  
Em meu ser teu viver calor procura!

Tal energia térmica se ufana  
Por ser forma de amor e de doçura...  
Se me aqueço demais, teu ser me abana,  
Se esfrias, ergo-te a temperatura!

Assim, em simbiose de calor,  
Nossas crises são febre só de amor,  
Pois é muito sublime o quente jogo:

Brasa, ponho-te em chamas sob mim,  
Minha lenha coloco em teu capim  
E ardemo-nos de amor no próprio fogo!

GERALDO RAMON PEREIRA

### RETRATO III

Uma escola passou por minha vida,  
e por vontade,  
pedi carona.

Olhos  
boca  
mãos  
corpo e alma  
enfim,  
toda,

por inteira,  
virei giz, quadro-negro e apagador.  
Virei lição  
virei aula...

E desta viagem outonal,  
de mil suores coalhados,  
de mil troços e incertezas,  
porém, de mil e uma venturas recolhidas,  
desembarcar, como,  
se uma vertigem gótica  
me rola  
me assola  
e me impede de...

FLORA EGÍDIO THOMÉ

## Amor pelo Crioulismo

### HÉLIO SEREJO

Desde meninote fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, portanto, dos “mistérios” das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego.

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômodos, os brejais infundáveis, as croas, o vargedo de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solidária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarela, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Vivi, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulismo.

Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvaticidade, enfim, pela obra do Sublime Criador.

Por esse motivo tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante.

Quedo-me, invariavelmente, orgulhoso de possuir essa virtude... virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do “sol se pondo”, no instante em que o poderoso astro se afora nas sombras da noite que se avizinha.

Vivi e, vivo ainda, esse momento de êxtase, com a profundidade contemplativa do eremita agradecido.

Graças dou ao Senhor, pelo dom que tanto me engrandece, transformando-me, diuturnamente, em um cristão feliz, sem resquícios de hesitação.

Sou o que sou, por obra d’Ele. Por sua infinita bondade. Por mais que avancem os anos, se fundem em minha alma os entreveros paisagísticos, num ferrete de recordação que adorna, fundamente, o sensível coração sertanejo.

O “passado”, em verdade, está “presente”, não morrerá nunca.

Viveri com ele, com certa angústia tocando-me o peito, com o que reviverei as lembranças e sentirei a emoção sacudindo as entranhas...

## A Poesia de Rubenio Marcelo – *Flamas e Veleiros...*

### RAQUEL NAVEIRA

Veleiros singrando mares, carregando dentro de si a alma e a mente do poeta, sua transcendência, sua fixidez numa estrela. *Veleiros da Essência* é a imagem que Rubenio Marcelo escolheu para título do seu livro mais recente (que terá noite de autógrafos nesta próxima sexta-feira, na livraria Le Parolle): é a metáfora da viagem, do deslocamento, da ordem de comando que força a navegar, pois “navegar é preciso, viver não é preciso”. Esses veleiros vêm de horizontes nunca vistos/ e trazem à proa/ o mapa das messes inabitais/ num tempo infinito/ de invictas bandeiras...

Como bem afirmou Glorinha Sá Rosa: “Rubenio Marcelo neste seu livro faz da modernidade o signo indicador da sua criatividade, que se renova a cada linha”. E Paulo Nolasco também assegurou recentemente: “... Em matéria de legítima poesia a “essência” provém de vida e ressuscitamento da palavra poética, como bem faz Rubenio Marcelo na sua obra”.

Assim como Fernando Pessoa é “guardador de rebanhos” e Manoel de Barros, “guardador de águas”, Rubenio Marcelo é “desguardador de dores”, espantando os males com a “contemplação do segredo das auroras” e com “sabiás de voos dourados”. Dribla o cotidiano com “colibris do sonho”. Ele é também o “contemplador de silêncios”, aquele que encontra paz para sua dor na ausência do desejo, no autodomínio de poeta que, dessa forma, fascina o leitor.

O poeta é um ser perplexo com a realidade, mas busca apoiar-se na lógica, quando afirma que ‘a árvore má/ não frutifica/ nem sombra dá/ e não assombra a ação do bem’. O bem é

IMAGEM: ARQUIVO DO AUTOR



A apresentação da capa sugere a inovação poética do conteúdo do livro

em que joga na página com a palavra “cada-falso”; ou em “Entes e Mentos”, em que trabalha expressões como “plena mente” e “ara a mente”. Vai construindo sua *Poiesis*, sendo “floema-avatar” e semente. Prova que é necessário conhecer o idioma até mesmo para subvertê-lo, pois a linguagem é um mistério. Busca as raízes, os matizes, a língua de fogo “que lança palavras ardentes”.

“O poeta é um insubmisso e o mais são nuvens”, disse Drummond. A rebeldia irrompe no poema de Rubenio que trata da “Geração Antiflogística”. Uma geração (a nossa) marcada pelas mais diversas influências: bossa, blues, Beatles, rock and roll, Alighieri, Raulzito, Freud, Dante, Floyd e Tina. Somos, ao mesmo tempo, “jovens-velhos-moços”.

Rubenio Marcelo crê na poesia como documento da existência de determinado po-

coragem, atitude, gesto. O bem é criar uma poesia generosa que “dá bons frutos” e “boa sombra”. Uma poesia forte e solidária.

O r a Rubenio Marcelo é clássico, ora é experimentalista como no poema “Em falso”,

“

Rubenio Marcelo neste seu livro faz da modernidade o signo indicador da sua criatividade, que se renova a cada linha”

vo em certo lugar e período histórico. É fiel porta-voz da terra onde vive (e da qual é cidadão honorário): o nosso Mato Grosso do Sul. Faz um passeio pelas luzes de Campo Grande: reverência a *paisagem de beleza* da Av. Afonso Pena; anda pelo Belmar Fidalgo e pelo Parque das Nações Indígenas interagindo com a *Natureza*; vai para Corumbá singrar o Rio Paraguai entre *aves e camalotes*. Contextualiza seu cenário de vida e é absorvido por ele...

O poeta é mesmo mago, Prometeu, alguém que carregou o fogo. A Poesia de Rubenio Marcelo é lâmpada, é luzeiro, é quente... – assim como ele declara: *Não é fogo de palha é fogo imenso/ O fogo que azuleja a poesia*. É preciso caminhar levando a tocha, a chama, o *fogo perenal* da poesia. É mister permanecer enlevado, como numa visão apocalíptica: “...naquela manhã de final de estio/ me peguei mirando a flama convidativa/ das pontes inexploradas/ havia clarins sedentos de sonhos...”.

Miremos com o poeta Rubenio Marcelo a imortal flama da poesia e o desfaldar das esperadas velas brancas de seus *Veleiros da Essência*.

## 3 Casos de Arrependimento

### EDUARDO MACHADO METELLO

Fazer aquela compra do pedaço de terra ao lado da fazenda Eldorado era muito bom para mim. Fiquei satisfeito ao fechar o negócio. No dia seguinte, fui com o Sylvio Amado à casa do vendedor, querendo logo providenciar a escritura da gleba, já que tudo fora feito de boca.

O homem nos recebeu na varanda, calmo, enrolando o seu cigarro de palha. Parecia não ter muita pressa em receber o dinheiro. – Calma, dr. Metello, pode ficar tranquilo, o nosso negócio está feito. É muito difícil eu roer a corda, voltar atrás. Deixar apenas eu pensar um pouco...

Ouvindo isso, o Sylvio, apavorado, me chamou a um canto e cochichou: – A coisa está de cara ruim. O homem vai se arrepender do negócio!

Mas não se arrependeu. Com habilidade, consegui firmar a transação e realizar a compra. Só passei pelo susto.

\*\*\*

Isabel queria ir bonita ao casamento do irmão. A festa prometia ser um sucesso. A turma toda se

preparando, fazendo planos, comprando roupas. Até um cabeleireiro exclusivo fora contratado, com antecedência, só para o pessoal de casa.

A amiga Dulce propusera emprestar um vestido, que usara só uma vez, para Isabel ir à festa. Seria uma boa economia, pensou a moça. Aceitou.

Não conseguiu dormir naquela noite, no entanto. O fato de usar roupa emprestada estava atravessado na garganta. Não era compatível com seu temperamento voluntarioso e independente. O amor próprio ficaria ferido. Sonhara até que a amiga, na igreja, apontava o dedinho, dizendo para as outras: – O meu vestido não caiu bem na Isabel? Parece até que foi feito para ela.

Resolveu ir à luta. Mandar fazer a roupa que desejava, mesmo gastando as economias. Conceição, a costureira indicada por uma grã-fina, cobrou caro: setecentas pratas. E ainda exigiu 50% adiantados. Isabel preencheu o cheque com dó.

– Eu conheço uma costureira que faria bem mais barato – disse sua amiga Suera, que a acompanhava na ocasião. – Você não quer tentar?

Elá foram as duas ver se conseguiam um negócio melhor. A nova profissional, realmente, cobrou menos: faria o mesmo modelo por quinhentos reais. Sempre no capricho.

E agora? Como cancelar o tratado com a

Conceição? Isabel estava com vergonha de voltar atrás.

– Bobagem – disse Suera. – Deixe que eu vou lá e trago o seu cheque de volta. A mulher está lhe roubando.

Dito e feito. Enfrentando a cara feia que fez a Conceição, conseguiu desfazer o negócio. A seguir, voltaram à casa da segunda costureira para firmar a encomenda.

Mal entraram, a profissional foi dizendo; – Eu me enganei na conta. O vestido, com aplicações e tudo, vai ficar por mil reais!

Isabel levou um baque. Desanimada, quase em agonia, pensou: – Será que vou ter que usar o vestido emprestado da Dulce? Só falta agora ela se arrepender do oferecimento...

\*\*\*

O negócio entre Jorge e Barreto estava fechado na base do fio de bigode. De repente, Jorge deu para trás. Não queria sustentar o que combinara. Barreto ainda procurou argumentar, chamar o outro aos brios, pressionar. Nada. O negócio estava perdido mesmo.

Finalizando o papo, Jorge estufou o peito, para dizer, como se tivesse razão: – Não adianta. Não sou folha de bananeira que vira conforme o vento. Eu sou um homem de palavra, de convicção. Quando eu me arrependo, arrependo mesmo! Não volto mais atrás.

## O Grande Francisco de Aquino Corrêa

### DEMOSTHENES MARTINS

Em meio das mais lisonjeiras expectativas assumiu D. Francisco de Aquino Corrêa o cargo de Presidente do Estado, em 22 de janeiro de 1918.

Portador de cintilante inteligência e aprimorada cultura, que se revelavam nos discursos de eloquência dominante, nas homilias de pastor e na produção literária e poética – obras essas que lhe propiciaram o ingresso na Academia Brasileira de Letras – a sua investidura no governo era penhor seguro do retorno do Estado à tranquilidade.

Restaurada a paz no Estado, pôde o notável antístite dedicar-se à tarefa administrativa que, na penúria das finanças estaduais e no reflexo em que estertorava o cataclismo mundial da

primeira grande guerra, reduzia-se quase às providências de manutenção de funcionamento rotineiro.

Quando o mundo se libertava da sangueira da guerra, com a vitória dos aliados contra a Alemanha e seus satélites, sobreveio a epidemia agnomizada de Gripe Espanhola – a que o Brasil pagou pesado tributo – eis que ceifou mais vidas que os combates e batalhas que findavam.

Foi sob essas limitações que se realizou o governo de D. Aquino. No seu ativo de administrador inscreve-se a instalação do serviço de iluminação elétrica da Capital, trabalho pioneiro beneficiador da população cuiabana.

Titular de nome consagrado nos cimos da cultura nacional, impulsionou a criação do Centro Mato-Grossense de Letras, em cujas arcadas se congregariam os representantes da intelectualidade estadual e se estimulariam vocações literárias.

A 8 de abril de 1919, transcorrendo o bicentenário da funda-

ção de Cuiabá, marco distante da civilização brasileira neste Oeste longínquo, mereceu esse evento, de parte de D. Aquino, patriótica, entusiástica e condigna comemoração. Inspirou esse desvanecedor acontecimento a inauguração do Instituto Histórico de Mato Grosso e de prédio para o funcionamento do Observatório Meteorológico e Sismográfico.

À sua presença no governo do estado, em época de tão diminutas e, mesmo, negativas possibilidades para a execução de um amplo programa de administração – que a sua capacidade realizaria vitoriosamente – creditasse, quase exclusivamente, a obra meritória, que conseguiu levar a efeito: a pacificação de sua conturbada terra natal. Graças a esse trabalho permitiu-se ao desvanecimento de transmitir o Estado, a seu sucessor, em ambiente de ordem e paz. O conagração da política partidária, tão exacerbada e violenta àquele tempo, foi um autêntico galardão desse bispo intelectual.

### NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**LIVRO DE RUBENIO MARCELO EM NOITE DE AUTÓGRAFOS NA PRÓXIMA SEXTA** – Na próxima sexta-feira 21/11, 19h30min, no espaço cultural da Livraria Le Parolle (Rua Euclides da Cunha, 1126 - Jd. dos Estados - Campo Grande), o poeta e acadêmico Rubenio Marcelo realizará descontraída **Noite de Autógrafos** do seu 10º. livro “*Veleiros da Essência*”, em evento que contará também com autógrafos do poeta douradense Marcos Coelho (este com livro autoral “Poesia em Cores”).

*Veleiros da Essência* contém 80 poemas escolhidos (principalmente inéditos) em versos livres da fase atual de Rubenio Marcelo. A obra possui apresentação de Raquel Naveira (da ASL) e prefácio de José Fernandes (da AGL) – além de comentários de ‘orelha’ do escritor Eduardo Mahon (presidente da Academia Mato-Grossense de Letras).

Poeta escritor, compositor e revisor, Rubenio Marcelo é membro e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autor de dez livros e dois CDs. Detentor de premiações pela sua atuação literocultural, participou – como convidado – da *I Bienal Internacional de Poesia* (que aconteceu em Brasília, reunindo expressivos nomes da poesia nacional e do exterior).